

DANIEL PENNAC

MÁGOAS DA ESCOLA

DANIEL PENNAC

# MÁGOAS DA ESCOLA

Tradução de Isabel St. Aubyn

## 6

Nenhum futuro.

Crianças que *nunca virão a ser alguém*.

Crianças desesperantes.

No ensino primário, no preparatório, depois no secundário, eu também acreditava piamente nesta existência sem futuro.

É mesmo a primeira coisa de que se convence um mau aluno.

– Com essas notas, a que podes tu aspirar?

– Acreditas que alguma vez chegarão ao sexto ano? (Ao sétimo, ao oitavo, ao nono, ao décimo, ao décimo primeiro, ao décimo segundo...)

– Que probabilidade terás de fazer o *bac*, diz-me, por favor, faz as contas, que probabilidade em cem?

Ou a directora de uma escola, num verdadeiro grito de alegria:

– O diploma do primeiro ciclo, Pennacchioni? Nunca o obterá! Está a ouvir? Nunca!

A directora exultava.

Em todo o caso, nunca serei como tu, velha louca! Nunca serei professor, aranha cativa na sua própria teia, comitre pregado à mesma secretária até ao fim dos teus dias. Nunca! Nós, os alunos, sucedemo-nos, os professores permanecem! Somos livres e os professores foram condenados a prisão perpétua. Nós, os maus alunos, talvez não cheguemos a lado nenhum, mas pelo menos

movemo-nos! O estrado não será o miserável reduto da nossa vida!

Desprezo por desprezo, agarrava-me a este odioso consolo: nós passamos, os professores ficam; era uma conversa entre os alunos das últimas carteiras. Os cábulas alimentam-se de palavras.

Ignorava então que também acontece aos professores experimentar esta sensação de prisão perpétua: repetir indefinidamente as mesmas lições perante turmas semelhantes, soçobrar sob o fardo quotidiano dos testes (impossível imaginar Sísifo feliz carregado de testes!), eu não sabia que a monotonia é a primeira razão que os professores invocam quando decidem abandonar a profissão, não podia imaginar que alguns deles sofrem por continuarem sentados na mesma cadeira, enquanto os alunos se sucedem... Ignorava que os professores também se preocupam com o futuro: fazer a agregação, terminar a tese, progredir na faculdade, alcançar o topo das classes preparatórias, optar pela investigação, partir para o estrangeiro, dedicar-se à criação, mudar de sector, deixar finalmente para trás os borbulhosos amorfos e vingativos que produzem toneladas de papel, eu ignorava que quando os professores não pensam no seu futuro, é porque pensam no dos filhos, nos estudos superiores da sua prole... Ignorava que a cabeça dos professores está saturada de futuro. Julgava-os unicamente empenhados em cercear o meu.

Proíbido de ter futuro.

À custa de tanto ouvir repetir tal sentença, formara uma representação bastante precisa desta vida sem futuro. O tempo não deixaria de passar, o futuro continuaria a existir, mas eu continuaria igual ao que era. Não o mesmo, claro, não como se o tempo não tivesse passado, mas como se os anos se tivessem acumulado sem nada mudar dentro de mim, como se o meu instante futuro ameaçasse ser rigorosamente igual ao meu presente. Ora, de que era feito o meu presente? De um sentimento de indignidade saturado pela soma dos meus instantes passados. Era uma nulidade escolar *e nunca fora outra coisa*. Com certeza que o tempo passaria, com certeza que o crescimento, com certeza que

os acontecimentos, com certeza que a vida, mas atravessaria esta vida sem nunca alcançar nenhum *resultado*. Era muito mais do que uma certeza, era eu.

Disto, há crianças que se convencem muito rapidamente, e se não encontrarem alguém que as contrarie, uma vez que não é possível viver sem paixão, desenvolvem, na falta de melhor, a paixão do fracasso.

Inutilidade das intervenções psicológicas mais bem-intencionadas. Décimo primeiro ano. Jocelyne está lavada em lágrimas, não posso dar início à aula. Não há nada que impeça mais a assimilação do saber do que o desgosto. O riso, podemos extingui-lo com um olhar, mas as lágrimas...

– Alguém tem uma história divertida para contar? Temos de fazer rir Jocelyne para podermos começar a aula. Procurem bem. Uma história *muito* divertida. Prazo, três minutos, não mais; Montesquieu espera-nos.

A história divertida surge.

É de facto divertida.

Toda a gente se ri, incluindo Jocelyne, que convido a ir conversar comigo durante o recreio, se tiver vontade.

– Até lá, preocupa-te *apenas* com Montesquieu.

Recreio. Jocelyne põe-me a par da sua tristeza. Os pais não se entendem. Discutem de manhã à noite. Dizem horrores um ao outro. A vida em casa é infernal, a situação dilacerante. Bem, penso eu, mais dois corredores de fundo que demoraram vinte anos a descobrir que não tinham sido feitos um para o outro; o divórcio paira no ar. Jocelyne, que não é má aluna, piora em todas as disciplinas. E sou eu que vou consertar o seu desgosto. Sabes, Jocelyne, digo-lhe eu com a máxima cautela, talvez seja preferível o divórcio,

enfim... dois divorciados apaziguados talvez se revelem mais fáceis de suportar do que um casal empenhado em se destruir...

Etc.

Jocelyne desfaz-se de novo em lágrimas:

– Justamente, professor, eles tinham decidido divorciar-se, mas acabam de desistir!

Ah!

Pois é.

Então...

Pois é.

As coisas são sempre mais complicadas do que julga o aprendiz psicólogo.

– ...

– ...

– Conheces Maisie Farange?

– Não, quem é?

– É a filha de Beale Farange e da mulher, de cujo nome não me recordo. Dois divorciados célebres no seu tempo. Maisie era uma criança quando os pais se separaram, mas não perdeu pitada do sucedido. Devias travar conhecimento com ela. É um romance. De um Americano. Henry James. *Daisy Miller*.

Romance complexo, de resto, que Jocelyne leu nas semanas que se seguiram, estimulada pelo próprio terreno da batalha conjugal. («Eles atiram à cara um do outro os mesmos argumentos que os Farange, professor!»)

Pois bem, mesmo sangrando sangue verdadeiro, a guerra entre os casais e o desgosto dos filhos nem por isso deixam de ser literários.

Posto isto, quando Montesquieu honra a nossa sala de aula com a sua presença, devemos prestar atenção a Montesquieu.

A presença na sala de aula... Não é fácil, para estes rapazes e raparigas, conceder cinquenta e cinco minutos de concentração, em cinco ou seis aulas seguidas, de acordo com os horários tão particulares da escola.

Um quebra-cabeças, estes horários! Distribuição das turmas, de disciplinas, das horas, dos alunos, em função do número de salas, da constituição dos grupos, do número de disciplinas opcionais, da disponibilidade dos laboratórios, dos *desiderata* incompatíveis do professor disto e da professora daquilo... É verdade que hoje em dia o director da escola se sente salvo pelo computador ao qual confia os seguintes parâmetros: «Sinto muito, professora Fulana de Tal, pelo sucedido na quarta-feira à tarde, foi o computador.»

– Cinquenta e cinco minutos de francês – explicava eu aos meus alunos – é uma pequena hora com princípio, meio e fim, uma vida inteira, em suma.

Vai falando, podiam ter-me respondido, uma vida de literatura que abre para uma vida de matemática, a qual comunica com uma bem preenchida existência de história, que nos propulsa sem razão para outra vida, inglesa desta feita, ou alemã, ou química, ou musical... Várias encarnações num só dia! E sem nenhuma lógica! É *Alice no País das Maravilhas*, o nosso horário: tomamos chá

com a lebre de Março e encontramos-nos sem transição a jogar *croquet* com a rainha de copas. Um dia passado no *shaker* de Lewis Carroll, mas sem a magia, que ginástica! E ainda por cima com ares de rigor, uma confusão absoluta desenhada como um jardim à francesa, maciço de cinquenta e cinco minutos seguido de maciço de cinquenta e cinco minutos. Só um dia de consultas de um psicanalista e o salame de um salsicheiro são retalhados em fatias tão iguais a estas. E isto, todas as semanas do ano! Um acaso sem surpresas, o cúmulo!

Seria tentador responder-lhes: Parem de resmungar, queridos alunos, e ponham-se no nosso lugar, a comparação com o psicanalista não está mal, de resto; todos os dias no consultório, o pobre homem, a ver desfilarem as desgraças deste mundo, e nós nas aulas a ver desfilarem a sua ignorância, em grupos de trinta e cinco e a horas certas, a nossa vida inteira, que – percepção logarítmica ou não – é muito mais longa do que a vossa demasiado curta juventude, vereis, vereis...

Mas não, nunca pedir a um aluno que se ponha no lugar do professor, a tentação do escárnio é demasiado forte. E nunca lhe propor que meça o seu tempo pelo nosso: o nosso tempo não é verdadeiramente o dele, não evoluímos na mesma duração. Quanto a falarmos de nós ou dele próprio, nem pensar: está fora de questão. Manter a decisão tomada: esta hora de gramática deve ser uma bolha no tempo. O meu trabalho consiste em proceder de tal modo que os alunos se sintam existir *gramaticalmente* ao longo dos cinquenta e cinco minutos.

Para o conseguir, não perder de vista que as horas não se assemelham: as horas da manhã não são as da tarde; as horas de acordar, as horas da digestão, as que precedem os recreios, as que se lhe seguem, são todas diferentes. E a hora que se segue à aula de matemática não se apresenta como a que se segue à aula de ginástica...

Estas diferenças não têm nenhuma incidência sobre a atenção dos bons alunos. Estes gozam de uma faculdade abençoada: mudar de pele a seu bel-prazer, no melhor momento, passar de

adolescente agitado a aluno atento, de apaixonado preterido a um bom aluno concentrado na matemática, de brincalhão a aluno assíduo, de algures para aqui, do passado para o presente, da matemática para a literatura... É a sua velocidade de encarnação que distingue os bons alunos dos alunos problemáticos. Estes, como dizem as admoestações dos professores, estão muitas vezes distraídos. Libertam-se mais dificilmente da hora precedente, são arrastados por uma recordação ou projectam-se num qualquer desejo de outra coisa. A cadeira funciona como um trampolim que os impele para fora da sala de aula no preciso momento em que nela se sentam. A não ser que adormeçam. Se quiser contar com a sua plena presença mental, terei de ajudá-los a instalarem-se na minha aula. Por que meios? Trabalhar é uma coisa que se aprende com o tempo. Uma única certeza, a presença dos meus alunos depende intimamente da minha: da minha presença na turma toda e em cada aluno em particular, da minha presença na minha disciplina, também, da minha presença física, intelectual e mental, durante os cinquenta e cinco minutos que dura a aula.

## 6

Ó recordação penosa das aulas em que não me encontrava presente! Como os sentia pairar, os meus alunos, nesses dias, derivar tranquilamente, enquanto eu tentava recobrar forças. A sensação de perder a minha turma... Eu não estou presente, eles deixam de estar, desligamos. Todavia, o tempo corre. Eu represento o papel daquele que dá aulas, eles fingem que ouvem. Muito séria, a nossa atitude comum, blabláblá de um lado, garatujas do outro, talvez o suficiente para satisfazer um inspector; desde que tudo parecesse estar a correr bem... Mas eu não estou lá, c'os diabos, não estou lá, hoje, estou algures. O que eu digo não se encarna, eles estão-se completamente nas tintas para o que ouvem. Nem perguntas nem respostas. Refugio-me por trás da aula magistral. A energia desmedida que então delapido para incutir um ridículo fio de saber! Encontro-me a cem léguas de Voltaire, de Rousseau, de Diderot, desta aula, desta escola, desta situação, esforço-me por reduzir a distância, mas não consigo, estou tão longe da matéria quanto da turma. Não sou o professor, sou o guarda do museu, guio mecanicamente uma visita obrigatória.

Estas horas falhadas deixavam-me de rastos. Saía da sala extenuado e furioso. Uma fúria que os meus alunos corriam o risco de pagar ao longo do dia inteiro, pois não há ninguém mais célere a gritar uma reprimenda do que um professor descontente consigo

mesmo. Atenção, rapaziada, passem despercebidos, o vosso profe recebeu uma má nota, descarregará sobre o primeiro responsável que se aproxime! Para não falar da correcção dos vossos trabalhos, ao fim da tarde, em casa. Um domínio em que a fadiga e a má consciência não são boas conselheiras! Mas não, hoje não é dia de corrigir trabalhos, nem de ver televisão, nem de sair de casa, para a cama! A principal qualidade de um professor é dormir bem. O bom professor é aquele que se deita cedo.